



Wagner Moura brilha em talk show de emissora dos EUA

PÁGINA 6

#cm
2
QUARTA-FEIRA



Béla Tarr, mestre do cinema húngaro, morre aos 70 anos

PÁGINA 8



Claudio Amado e Ana Paula Novellino integram a companhia que se tornou referência do teatro de improviso no país

O nada, o tudo e mais alguma coisa

Ocupação artística no Teatro Café Pequeno em janeiro resgata o repertório de um dos grupos precursores do teatro de improviso no Brasil

Divulgação

O reconhecimento institucional veio em agosto de 2025, quando a Cia recebeu a Moção Aplausos da Câmara de Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, entregue pela vereadora Mônica Benício, presidente da Comissão de Cultura. A homenagem refere-se à importância do grupo no cenário cultural carioca e sua contribuição para a formação de artistas, criação de outros coletivos de improviso e produção de pesquisas voltadas para essa linguagem teatral. A mostra surge como celebração desse momento, apresentando os espetáculos mais longevos e consagrados da companhia, um recorte expressivo de sua produção artística ao longo de mais de duas décadas.

Claudio Amado, um dos fundadores e diretores do Teatro do Nada, destaca que a programação oferece uma oportunidade de conhecer ou revisitar o trabalho da companhia e descobrir as infinitas possibilidades dramáticas e temáticas do teatro de improvisação. “Vamos remontar os espetáculos mais importantes da trajetória do Nada. ‘Dois é Bom’ (2006), por exemplo, foi o primeiro espetáculo de improvisação estilo Long Form criado e apresentado no Brasil. ‘Segredos’ (2010) é um clássico do grupo que fazemos há 16 anos, ganhou prêmios, fez turnês e já foi montado até em espanhol. ‘Rio de Histórias’ (2016) foi o nosso primeiro formato totalmente autoral, e ‘Improvisa Comigo esta Noite’ (2023) é o meu primeiro solo de improviso. Quem só conhece o Impro pelos jogos de improviso, mais famosos por causa da internet, tem muito que descobrir ainda”, promete Claudio.

A programação semanal apresenta um espetáculo diferente a cada fim de semana, com três apresentações cada. Nos dias 9, 10 e 11 de janeiro, entra em cena “Improvisa Comigo Esta Noite”, que conquistou os prêmios de Melhor Espetáculo e Melhor Improvisador no 2º Impro Grand Prix, além do prêmio de Melhor Direção de Monólogo no V Festar. Sozinho no palco, o ator conta com a participação espontânea da plateia para criar cinco cenas inéditas e improvisadas a cada noite, transformando os espectadores em coautores do espetáculo através de contribuições que vão desde cantar uma canção em conjunto até utilizar a lanterna de seus celulares.

Na segunda semana, dias 16, 17 e 18 de janeiro, será apresentado “Dois é Bom”, marco histórico como primeiro espetáculo de improvisação estilo Long Form criado e apresentado no Brasil, estreado em 2009. A partir de uma única palavra sugerida pela plateia no início da sessão, Claudio



Na mostra a Cia Teatro do Nada reapresenta ‘Segredos’, um de seus espetáculos mais representativos

O recorte de uma jornada de sucesso

Grupo pioneiro do improviso teatral no Rio apresenta quatro espetáculos que marcaram sua trajetória artística

Amado e Ana Paula Novellino desenvolvem os temas que serão usados ao longo da performance, que conta com quatro cenas distintas conectadas na última narrativa. Todos os personagens, diálogos, situações, conflitos e relações são criações espontâneas e contínuas dos atores do início até o final. Da mesma forma, a trilha sonora e a iluminação também são confecções do momento,

com as canções compostas e tocadas pela primeira vez em cena por Aldo Medeiros e Taiyo Omura, inspiradas nas situações que acabaram de acontecer.

A terceira semana, dias 23, 24 e 25 de janeiro, traz “Segredos”, um dos clássicos do grupo que completa 16 anos de existência. O espetáculo de estilo Long Form é um formato original da companhia inspirado no formato Secrets do grupo norte-americano Tongue & Groove, no qual os atores constroem cenas, monólogos e personagens a partir de segredos reais escritos pelo público antes de cada apresentação. Confissões como “Meu marido cozinha mal, mas eu sempre elogio” ou “Encosto o ouvido na parede quando a vizinha briga com o marido” ganham vida nos palcos se tornando argumento para a criação dos atores. Estreado em 2010, “Segredos” cumpriu temporadas em diversos teatros desde então, além de circular pelas Arenas Culturais com patrocínio

da Prefeitura do Rio de Janeiro e integrar a programação do Sesi Cultural pelo estado.

Fechando a mostra, nos dias 30 e 31 de janeiro e 1º de fevereiro, entra em cena “Rio de Histórias”, último espetáculo da Cia, estreado em 2016. O formato próprio do grupo tem como tema central a cidade do Rio de Janeiro. Inspirados pelo universo carioca, os atores criam cenas, histórias e diálogos que só no Rio seriam possíveis, um Long Form carioca que, ao falar de sua aldeia, se torna universal. O público participa gravando depoimentos em áudio sobre a cidade minutos antes da apresentação, e o material é depois usado como inspiração para as histórias criadas em cena. O espetáculo ganhou os prêmios de Melhor Improvisador, Melhor Trilha Improvisada e Prêmio de Reconhecimento pelos 21 anos de Improviso, no 3º Impro Grand Prix, em 2025.

André Garcia Alvez, produtor executivo da mostra, resalta

que a programação vem referendar o recebimento da moção pelo reconhecimento público da contribuição que o grupo traz para a cultura do Rio de Janeiro. “É o reconhecimento pela importância, qualidade e potência artística do grupo, sendo o primeiro e mais antigo grupo de improviso do Brasil. Já contribuíram muito na formação de artistas, na criação de outros grupos de improviso e principalmente por publicações, pesquisas e realizações de espetáculos voltados para o Teatro de Improviso”, diz André.

SERVIÇO

TUDO DO NADA

Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon)

9 a 11/1 – Improvisa Comigo esta Noite

16 a 18/1 – Dois é Bom

23 a 25/1 – Segredos

30/1 a 1/2 – Rio de Histórias
Sextas e sábados (20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CCBB Rio recebe 'las Choronas', montagem inclusiva que reúne três coletivos teatrais de Belo Horizonte

Quando três coletivos teatrais de Belo Horizonte - Pigmalião Escultura que Mexe, Cia 5 Cabeças e Mulher que Bufa - decidem unir forças, o resultado é uma experiência cênica que desafia convenções e amplia fronteiras da acessibilidade no teatro brasileiro. "Las Choronas" estreia nesta quinta-feira (8) no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, trazendo uma proposta que incorpora a Libras como elemento central da dramaturgia.

Com direção e dramaturgia de Byron O'Neill, o espetáculo transita entre o surrealismo e o teatro do absurdo para abordar questões de amor, identidade, marginalidade e crítica política. A referência explícita ao cinema de David Lynch, especialmente "Mulholland Drive", e à obra de Samuel Beckett, como "Esperando Godot", não é mera citação estética. O diretor aponta que a peça busca criar "um palco onde a memória não é linear, onde o real e o onírico se entrelaçam, e onde a linguagem - ou a falta dela - se torna um ato político".

A sinopse da peça funciona como um manifesto poético que antecipa a atmosfera fragmentada da encenação: "Nothing to be done. Nada a fazer. Esto es una grabación. Nada há banda! E assim mesmo escutamos o nada. Se quiserem ouvir um alfinete, ouçam! Um choro de bebê tocando cuíca... Ouçam, ouçam o som da cuíca tocada pelo bebê que chora. No hay nene! There is no baby! Apenas lágrimas e Las Choronas. Don't worry, this too shall pass. Mañana vai ser outro dia." A mistura de idiomas e a referência à ausência ecoam tanto Beckett quanto Lynch, criando uma atmosfera onde o que não se diz tem tanto peso quanto o que é explicitado.

A escolha da Libras como linguagem central da dramaturgia tira a linguagem de sinais de um lugar periférico nas montagens. "Las Choronas" a integra à própria estrutura narrativa, combinando-a com dança, música e manipulação de bonecos. "Essa escolha não é apenas inclusiva; é revolucionária", afirma O'Neill. "Estamos criando uma experiência sensorial completa que questiona as hierarquias entre as diferentes formas de comunica-

Amor, identidade e

Daniel Protzner/Divulgação



O real e o onírico se entrelaçam em 'Las Choronas'

ção humana." O resultado, segundo o diretor, é uma montagem que rompe com as barreiras do teatro convencional e dialoga com um público plural, incluindo pessoas surdas, ouvintes, falantes de Libras e não falantes.

"Las Choronas" remete tanto às "lloronas" - as carpideiras profissionais da cultura hispano-americana - quanto ao choro brasileiro, gênero musical tradicionalmente associado

à melancolia e à resistência cultural. "O nome nasceu da fusão entre o português, o espanhol e a Libras, criando uma identidade híbrida que reflete a própria natureza do espetáculo", explica O'Neill. "São personagens que choram, que lamentam, mas que também resistem. O choro aqui é tanto lamento quanto celebração, tanto individual quanto coletivo."

A produção reúne um elenco de

14 artistas que transitam entre atuação, dança e música. A direção musical tem a assinatura de Dib Carneiro e Samira de Paula, enquanto Isis Madi assina a consultoria e direção de Libras, elemento fundamental para a coerência da proposta inclusiva.

Os coletivos Pigmalião Escultura que Mexe, Cia 5 Cabeças e Mulher que Bufa compartilham uma trajetória de experimentação

cênica e pesquisa sobre linguagens teatrais não convencionais. A união em "Las Choronas" sintetiza dessas investigações.

SERVIÇO

LAS CHORONAS

CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
De 8/1 a 8/2, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

MARGINALIDADE

Máquina mortífera e cheia de graça

‘Agentes Muito Especiais’ inaugura a temporada 2026 dos potenciais blockbusters nacionais, abrindo caminho para dramas, thrillers, filmes infantojuvenis e neochanchadas



Laura Campanella/Divulgação

‘O Diário de Pilar na Amazônia’ tem Lina Flor e Nanda Costa



Mariana Vianna/Divulgação

‘(Des)Controle’, de Rosane Svartman e Carol Minêm, foi selecionado para o 46º Festival de Havana

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sob as bênçãos de Paulo Gustavo (1978-2021), o primeiro (potencial) sucesso nacional de bilheteria de 2026 levanta a bandeira do orgulho queer, com bom humor contagiante, a fim de debelar ranços conservadores que disfarçam (quase nada) a homofobia da família tradicional brasileira: “Agentes Muito Especiais”. O astro da trilogia “Minha Mãe É Uma Peça” (2013-2019) criou com o ator Marcus Majella o argumento desse longa-metragem, que cresceu e deu liga, sob o fermento da resiliência ao preconceito, tornando-se um thriller cômico divertidíssimo. A estereotipia e a intolerância estão entre seus alvos.

Hábil na lanternagem do filão (oitentista e noventista) “dois policiais” (Two Cops), nos arquétipos “tira durão e o tira bonzinho”, muito bem representado por sucessos como “Máquina Mortífera” (1987), a produção dirigida por Pedro Antonio estreia nesta quinta com fome de milhão. Majella entra cena ao lado de Pedraca Monteiro, numa



Desiree do Valle/Divulgação

Ingrid Guimarães e Mônica Martelli durante as filmagens de ‘Minha Amiga em Portugal’



Divulgação

Antônio Fagundes no set de filmagens de uma nova versão de ‘Deus Ainda É Brasileiro’

alquimia à la Tom Hanks e Dan Aycroyd em “Dagnet – Desafiando o Perigo” (1987), para protagonizar uma trama de tiro, pancada e riso, com espaço para afetividades.

“Para fazer comédia, é necessário um senso de observação do mundo. O riso vem do olhar do querer, não do olhar do poder”, disse Pedro Antonio ao Correio da Manhã no set “Um Tio Nada Perfeito 3”, que filmou no apagar das luzes de 2025, preparando a estreia de “Agentes Muito Especiais”. Nos novos tempos, o que aumentou foi o senso crítico em torno do ‘eu posso’ e, portanto, certas violências simbólicas que se praticavam antes, às vezes sem serem percebidas, acabaram... ou estão sob alerta. Eu busco um tipo de comédia onde a graça vem do dia a dia, onde o violento é a dificuldade de sobreviver que nos cerca. A risada que eu busco está a serviço da afetuosidade.”

Com êxitos de bilheteira no currículo (“Tô Ryca”, visto por 1,1 milhão de pagantes há quase dez anos) e uma série de sucessos nas franjas do pop (entre eles, “Evidências do Amor”, com Fábio Porchat e Sandy), Pedro Antonio teve na “Sessão da Tarde”, da TV Globo, uma escolas das mais essenciais para a formação de seu olhar. Filho da produtora Gláucia Camargos e

do cineasta Paulo Thiago (1945-2021), o diretor chegou a estudar técnicas circenses de palhaçaria, para entender o âmago da gargalhada com mais precisão. No entanto sua (faustosa) cinefilia vem das reprises dubladas pela BKS, a Herbert Richers, a Telecine e a VTI, nos anos 1980 e 90. Os filmes sobre parcerias insólitas, com heróis de temperamentos distintos, exibidos pelo Plimplim cimentaram a trilha dramática de “Agentes Muito Especiais”, roteirizado por Fil Braz.

Tudo no longa começa quando o destemido investigador Jeff (Marcus Majella, hilário) resolve prestar exame para o Centro de Operações de Inteligência da Polícia (COIP), uma espécie de BOPE, o Batalhão de Operações Especiais, da Polícia Militar (PM) carioca, retratada em “Tropa de Elite” (Urso de Ouro de 2008). Em meio às provas, ele conhece o guarda Johnny (Pedroca Monteiro, com ares de Jacques Tati), um funcionário público medroso e atrapalhado, que vive sob os cuidados da mãe. Jeff peitou violências de ontem, de hoje e de sempre e “saiu do armário”. Já Johnny segue recatado, virgem, sem assumir sua orientação. Quando eles se encontram, há uma mudança mútua, como é típico de uma dramaturgia



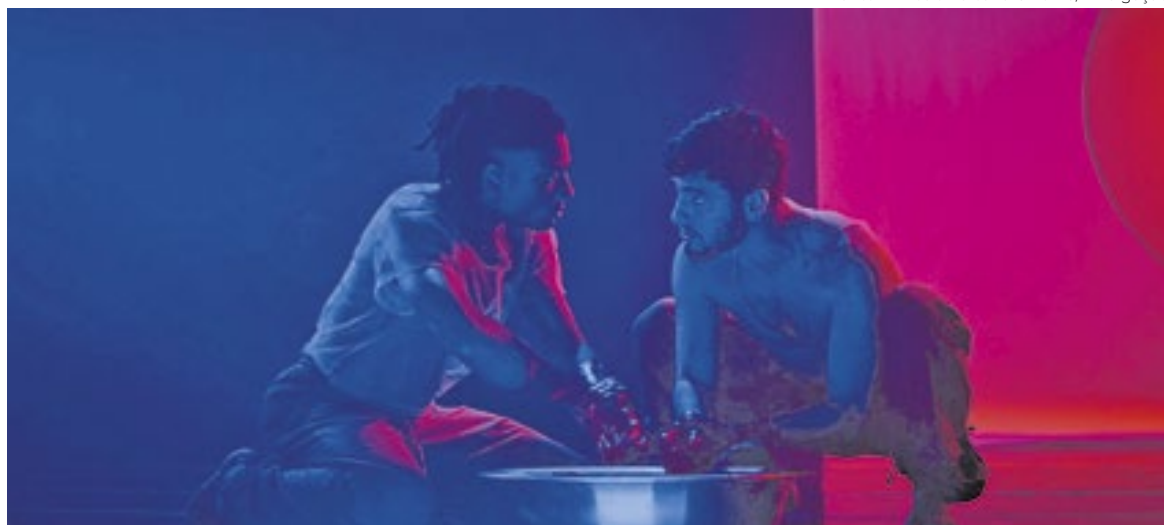
Camila Maia/Divulgação

'Agentes Muito Especiais' traz Marcus Majella e Pedroca Monteiro no combate ao crime... sobretudo o da homofobia

“Para fazer comédia, é necessário um senso de observação do mundo. O riso vem do olhar do querer, não do olhar do poder”

PEDRO ANTONIO

Avante Filmes e Vulcana Cinema/Divulgação



O longa de CEP gaúcho 'Ato Noturno'

1+1 (ou seja, de coprotagonismo). A união deles gera um espetáculo de graça e adrenalina, equilibradas na montagem de Zaga Martelletto.

Jeff e Johnny mal se conhecem e precisam encarar o temido Bando da Onça, quadrilha chefiada por uma misteriosa criminosa, vivida por Dira Paes, num desempenho impecável.

No empenho de debelarem o império da Onça, sem darem pinta de que são policiais, Jeff e Johnny consolidam uma parceria profissional e pessoal, que lembra um bocado a pérola “Partners” (“Dois Tiras Muito Suspeitos”, 1982), de James Burrows, com Ryan O’Neal



Divulgação

'Timidez', exemplar de excelência do cinema indie brasileiro

(1941-2023) e John Hurt (1940-2017). Sob a batuta de Pedro Antonio, destaca-se o comandante vivido por Chico Diaz e o bandidão enamorado interpretado por Dudu Azevedo, parte de uma quadrilha de Irmãos Metralha nada assustadores como Juninho (Demétrio Nascimento), Mona (Big Jaum, brilhante em cena), Bola (Saulo Arcoverde) e Big (Saulo Segreto).

Pela tabela de lançamentos da Ingresso.com, o rol de filmes brasileiros de 2026, agendados para as telonas em paralelo à chegada de “Agentes Muito Especiais”, arranca ainda com “Timidez”, de Susan Kalik e Thiago Gomes Rosa, com estreia na quinta. A trama acompanha um jovem artista chamado Jonas, que vive sob a sombra de seu irmão autoritário com quem divide a casa. Quando, a vizinha do andar de cima, chamada Lúcia, aceita um convite para jantar, Jonas começa uma jornada de reflexão pessoal, enfrentando os próprios demônios.

Um dos destaques brasileiros da Berlinale 2025, o thriller “Ato Noturno”, dos gaúchos Marcio Reolon e Filipe Matzembacher, está apontado para estrear no próximo dia 15. O longa saiu do Festival do Rio, em outubro, com a láurea de Melhor Ator foi para Gabriel Faryas, e as vi-

tórias de Melhor Roteiro e Melhor Fotografia. Coube a ele ainda a láurea de simbolismo Queer, o troféu Félix. A sua caleidoscópica narrativa acompanha o cotidiano do ator Matias (Gabriel Faryas), que busca sua primeira grande chance ao estré-lato em Porto Alegre, participando de um respeitado grupo de teatro. Quando a notícia de que uma grande série será rodada na cidade chega à trupe, a já saliente rivalidade entre o protagonista e seu colega de apartamento, Fabio (Henrique Barreira), entra em ebulição. Apesar de ter talento, Matias enfrenta um obstáculo ainda mais desafiador se quiser conseguir o papel do galã: para ter uma chance de realizar seu sonho, o jovem terá que esconder parte de quem é e ceder às convenções de gênero. No entanto, ao se envolver com Rafael (Cirillo Luna), um político que disfarça suas pulsões, o aspirante a astro passa a encarar uma dinâmica opressora, ainda que estimulante.

Ainda no dia 15 estreia “O Diário de Pilar na Amazônia”, uma aventura de prosa com o legado dramático de Flávia Lins e Silva. Seu roteiro, filmado por Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put, discute a preservação... das matas e das amizades. Pilar (Lina Flor) se junta a um time de jovens heróis Breno (Miguel Soares), Maiara (Sophia Ataíde) e Bira (Thúlio Naab) numa incursão à maior floresta do planeta. Roberto Bomtempo e Nanda Costa integram o elenco.

No comecinho de fevereiro, tem “(Des)controle”, dirigido por Rosane Svartman e Carol Minê, que foi selecionado para o 46º Festival de Havana, em Cuba. Sua personagem, a escritora Katia Klein (Carolina Dieckmann), passa por um momento turbulento na vida. Sobrecarregada, em busca de um alívio, Kátia volta a beber após um período de 15 anos de sobriedade, mas vai de uma simples taça de vinho ao total excesso, reativando o alcoolismo. Daniel Filho é um dos destaques do elenco. Ele deve voltar em cartaz nos próximos meses, como ator, no thriller “Resta Um”, de Fernando Ceylão, e, como diretor, na nova versão da peça teatral “Toda Nudez Será Castigada”.

Esst começo de ano agitado para nossa filmografia – que não para de encher sala com sessões de “O Agente Secreto” – aquece a expectativa por “Minha Amiga”, comédia estrelada pelo duo Ingrid Guimarães e Mônica Martelli, com direção de Susana Garcia. Sua estreia pode mudar os ramos do mercado, assim como a de “Deus Ainda É Brasileiro”, que Cacá Diegues (1940-2015) deixou inacabado, antes de morrer. Sua montagem está para ser apresentada em breve, narrando o regresso do Todo-Poderoso (Antonio Fagundes) ao Nordeste. O longa original, de 2003, chamado de “Deus É Brasileiro”, passa na Globo na madrugada desta quinta, às 2h.



Wagner Moura durante participação no Late Night With Seth Meyers

Uma troca nada lisonjeira

Em entrevista no programa de Seth Meyers, Wagner Moura revela que perdeu cerimônia do Festival de Cannes, na qual saiu vitorioso com 'O Agente Secreto', para gravar cena com cocô de cachorro

AFFONSO NUNES

Em sua primeira grande aparição na televisão americana durante a temporada de premiações de 2026, Wagner Moura entregou ao público do programa Late Night With Seth Meyers uma história hilária. Na entrevista exibida na última segunda-feira (6), o ator baiano revelou os bastidores inusitados de sua vitória histórica no Festival de Cannes de 2025, quando se tornou o primeiro brasileiro a conquistar o troféu de melhor ator na competição oficial do festival francês. Wagner confessou que se ausentou da cerimônia de premiação porque sentiu vergonha de pedir folga.

O ator explicou que, na época do festival, estava em Londres gravando um filme quando recebeu a notícia da vitória por "O Agente Secreto". Embora tecnicamente estivesse de folga no dia da premiação, a equipe de produção solicitou seu retorno ao set para gravar cenas extras. "Eu não podia dizer: eu preciso ir para Cannes porque acho que

eu posso vencer um prêmio. Fiquei com vergonha, então topei", admitiu o ator. "Colocaram uma sacola de plástico na minha mão e me filmaram pegando merda de cachorro do chão", lembrou Wagner, arrancando gargalhadas do apresentador e da plateia.

A entrevista faz parte da campanha promocional de "O Agente Secreto", filme dirigido por Kleber Mendonça Filho, traçada pela Neon - responsável pela distribuição do longa no exterior. E vem funcionando. Seth Meyers não escondeu o entusiasmo pela produção brasileira. "É um filme muito divertido, muito engraçado, dá vontade de visitar o Brasil. Eu nunca fui, mas até numa ditadura parece ser mais divertido do que qualquer coisa que eu estou fazendo", brincou o apresentador.

"O Agente Secreto" já garantiu sua posição como representante do Brasil na disputa pelo Oscar de Melhor Filme Internacional e conquistou dois prêmios importantes em Cannes 2025: Melhor Diretor para Kleber Mendonça Filho e Melhor Ator para Wagner Moura. No último domingo, o thriller político de Mendonça Filho sagrou-se como

“Eu não podia dizer: eu preciso ir para Cannes porque acho que eu posso vencer um prêmio”

WAGNER MOURA

Melhor Filme Estrangeiro no Critics' Choice Awards, totalizando 48 premiações desde seu lançamento, e chega neste domingo (11) com quatro indicações ao Globo de Ouro.

"Sinto que o prêmio do 'Critics Choice' deu uma visibilidade ainda maior para 'O Agente Secreto', que está tendo uma carreira excelente nos cinemas dos Estados Unidos. Nós agora estamos em Nova York para dar continuidade a essa agenda. O fato de termos apresentado o Melhor Filme, de certa forma, amenizou uma falta de atenção da Critics Choice Association com uma das grandes safras históricas de

cinema feito fora dos Estados Unidos — num momento político do país, onde o elemento estrangeiro tem sido muito debatido. Teria sido importante destacar o cinema internacional, com uma apresentação no palco dos indicados. Mas, de toda forma, está tudo certo, foi bom apresentar, ao lado de Wagner, o prêmio de Melhor Filme para Paul Thomas Anderson, um cineasta da minha geração, e que admiro", comenta Kleber Mendonça Filho sobre a cerimônia do Critics' Choice Awards e a temporada de premiações.

Publicações especializadas como The Hollywood Reporter e

Variety já incluem o ator brasileiro em suas previsões de finalistas para a categoria de Melhor Ator, colocando-o em disputa direta com nomes como Michael B. Jordan e Ethan Hawke.

O reconhecimento internacional de Wagner vem acompanhado de transformações físicas que não passaram despercebidas. Durante a conversa, ele mencionou ter ganhado 18 quilos para interpretar Pablo Escobar na série "Narcos", ao que Seth Meyers respondeu com um elogio que resume a trajetória ascendente do brasileiro em Hollywood: "Você está numa ótima trajetória, só fica mais bonito! Isso não acontece com muita gente em Hollywood, então parabéns".

Em sua participação no talk show exibido pela NBC, Wagner abordou questões políticas que envolvem "O Agente Secreto". "O que deu origem ao filme foi o que aconteceu no Brasil entre 2018 e 2022, quando o Brasil passou por... Eu nunca sei como descrever. Tínhamos um... Um presidente fascista". Seth Meyers concordou imediatamente: "Acho que assim está bom. Nós temos uma ideia do que você está falando".

Wagner retomou o termo ao refletir sobre a importância cultural do cinema brasileiro no contexto de resistência democrática: "O manual fascista é atacar primeiro as universidades, os jornalistas e os artistas. E eles conseguiram transformar os artistas em inimigos do público. Então desde o ano passado, quando 'Ainda Estou Aqui' venceu o Oscar, ver os brasileiros torcendo pelos artistas e acreditando que nós os representamos, tem sido lindo e estou muito felho", disse, estabelecendo uma continuidade entre diferentes produções brasileiras e seu papel na reconstrução da relação entre público e classe artística.

Animando

a temporada de Oscars



Maybe Movies

'Amélie et la métaphysique des tubes'
explora as descobertas da infância

Rodrigo Fonseca



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Em meio a concorrentes asiáticos de peso e ofensivas da Disney, 'A Pequena Amélie', de DNA francófono, leva fantasia numa mirada infantojuvenil às franjas da Academia de Hollywood

Agendada para chegar ao circuito brasileiro no próximo dia 29, no fim das férias, "A Pequena Amélie" ("Amélie et la Métaphysique des Tubes") pode (e deve) mudar a sua sorte... e a do cinema animado francófono... neste domingo, quando sua equipe visita o Beverly Hilton, na Califórnia, em competição pelo Globo de Ouro. A estatueta, concedida por um colegiado de 400 jornalistas de 90 países, tem massa votante distinta da que decide os rumos dos prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, mas, ainda assim, continua a ser encarada como um dos termômetros para o que haverá no Oscar.

Caso o desenho animado franco-belga de Maïlys Vallade e Liane-Cho Han, hoje páreo, saia vencedor agora no dia 11, seu destino em circuito será dos mais lucrativos. Carregará consigo os elogios conquistados em sua passagem pelos festivais de Cannes e de San Sebastián. Nesses eventos europeus, a adaptação do livro infantojuvenil de Amélie Nothomb sobre miscigenações culturais - e as magias que cercam os intercâmbios entre povos - tornou-se um ímã de aplauso pelo norte da Espanha.

"Nossa ambição sempre foi expressar a euforia da infância, numa história que atravessa diferentes estações do ano e as muitas emoções de uma menina", disse Maïlys ao



O desenho animado franco-belga de Maïlys Vallade e Liane-Cho Han, está no páreo do Globo de Ouro

“Nossa ambição sempre foi expressar a euforia da infância, numa história que atravessa diferentes estações do ano e as muitas emoções de uma menina”

MAÏLYS VALLADE

Correio da Manhã em San Sebastián, celebrando os holofotes dados a uma dramaturgia animada que a Disney não mostra. “O meio de abordar a compreensão das diferenças, em nossa trama, passa por traumas e o debate sobre expatriação na busca por identidade”.

Espécie de Cannes para a classe

profissional de animadores, Anecy, festival francês realizado em junho, deu a Láurea do Público para "A Pequena Amélie". Na peleja pelo troféu da Golden Globe Foundation, a produção briga com dois títulos da Disney - a sci-fi "Elio" e o policial noir "Zootopia 2". Encara ainda um trator da Sony chamado

"KPop Demon Hunters", de inspiração sul-coreana. Combate ainda o anime "Demon Slayer: Kimetsu no Yaiba - Castelo Infinito", que rendeu a seus produtores, no Japão, US\$ 720 milhões.

Da França, chega seu último rival, a fantasia ambientalista "Arco", uma fábula ecológica com Natalie Portman no elenco de vozes. Com passagens pela Guatemala, pelo Chade e pelo México em sua formação artística como ilustrador e cineasta, Ugo Bienvenu, o diretor desse longa, é um dos favoritos às laúreas que cercam o Oscar. Ele mira num amanhã catastrofista, no qual Arco, de 12 anos, vive no ano de 2932, um futuro distante onde é possível viajar no tempo através do arco-íris. Durante seu primeiro voo solo num mar de cores, ele sai da rota e, acidentalmente, acaba no ano 2075. Lá, ele conhece Iris, uma jovem cujo mundo está marcado pelas mudanças climáticas, com cidades cobertas por cúpulas, temerosas de um colapso ambiental. Iris ajuda Arco a navegar por esse tempo desconhecido, enfrentando perigos. A jornada de "A Pequena Amélie" é similar.

Sua protagonista não se leva a sério, mas sofre com isso. Até aos dois anos e meio, Amélie descreve-se como um tubo digestivo, inerte e vegetativo. Então, surge o acontecimento seminal que a mergulha na micareta de descobertas que é ser criança. Durante os seis meses seguintes, ela descobre a linguagem e aprende a lidar com seus pais, com seus irmãos e com suas irmãs. Acha um paraíso no seu jardim e, lá, demarca suas paixões: o Japão (onde nasceu e onde vive) e a água. Delimita também quais são as suas aversões, entre elas, um peixe: a carpa. Nessa fase de porquês, toma noção do Tempo... e aprende a temê-lo. Sonha estar constituindo um "para sempre" para si, mas a vida vai pegar no seu pézinho.

"Esse filme custou em torno de 9,3 milhões de euros e começou a ser desenvolvido há sete anos com 150 profissionais em áreas diferentes, trabalhando de locais diferentes da França, onde o sistema de fomento nos assegura liberdade pra inventar", disse Maïlys, que aprendeu a amar animação depois de ver uma cópia VHS de "O Homem Que Plantava Árvores" (1987), marco de Frédéric Back. "Aí entrei em Miyazaki e seu 'A Viagem de Chihiro', o que fez a produção japonesa virar um lugar de referência para o meu cinema".

O próximo projeto da cineasta será um filme em stop-motion.

O Outono Húngaro

perda sua folha mais preciosa:

Béla Tarr

Divulgação

Béla Tarr nas filmagens de *O Cavalo de Turim*, premiado na Berlimale de 2011 com o Urso de Prata de Melhor Direção**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

O máximo de explicação que o cinema recebeu, na manhã desta terça-feira (6 de janeiro) sobre a causa que levou um titã chamado Béla Tarr à morte, aos 70 anos, foi “enfrentou um longo período de luta contra uma doença”. O alquebrado obituário é parte do mistério que envolveu o realizador húngaro ao longo de toda a sua carreira, iniciada em 1978. Foi a Berlinale que deu a ele uma de suas mais merecidas honrarias: o Urso de Prata de Melhor Direção, em 2011, pelo cultuado “O Cavalo de Turim”, seu derradeiro longa-metragem, que antecedeu sua prematura aposentadoria. O êxito mundial da produção imortalizou seu lugar como pilar Estético para a vaga artística chamada Outono Húngaro, uma espécie de Renascimento cinematográfico daquela pátria. Falou-se muito (bem) de lá, para além de

seus percalços políticos atuais, no momento em que o escritor László Krasznahorkai ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, que se deveu, um bocado, ao livro “Sátántangó”, filmado por Tarr em 1994. O longa, chamado aqui “O Tango de Satã”, tem 450 minutos de fervorosa potência plástica. Ele voltou a circular, em 2019, via Festival de Berlim, em cópia restaurada em 4k.

“Venho de uma pátria que senti o peso da História na forma da fome. Mas que, mesmo abalada pelo ronco em seu estômago, nunca desistiu do prazer da criação. Criar é celebrar a alegria de resistir à castração da ordem”, disse Béla Tarr em uma entrevista ao Correio da Manhã em 2015, quando foi lançado o documentário “Um filme de cinema”, do paraibano Walter Carvalho, no qual ele é um dos entrevistados. “Eu resolvi me afastar da direção no ato em que me dei conta do peso da idade e do quanto a vida é curta. Na cultura da escassez, a abundância da vida precisa ser aproveitada”.

Carvalho foi um dos primeiros



O Tango de Satã tem 450 minutos de fervorosa potência plástica.



O Cavalo de Turim (2011) foi premiado na Berlinale - Béla Tarr

artistas a manifestar pesar diante da partida do diretor, que era um farol para seu cinema. Curador do Festival de Locarno, o crítico suíço Giona A. Nazzaro foi às redes sociais derramar seu pranto por Béla:

“Um gigante da arte cinematográfica. Um visionário que remodelou a arquitetura da visão e as suas possibilidades. Um homem e artista generoso, profundamente ligado a Locarno, que deixou uma marca

indelével na história da cultura e da arte mundiais. Hoje, o mundo está mais pobre sem Béla Tarr”, escreveu Giona no Instagram oficial de Locarno.

Filmes como “Maldição” (“Kárhozat”, 1987) e “Harmonias de Werckmeister” (“Werckmeister harmóniák”, 2000) fizeram de Tarr um dos diretores mais estudados da atualidade. Ele não quis mais filmar longas a partir de “O Cavalo de Turim”, mas seguiu lecionando. László Nemes, o oscarizado diretor de “O filho de Saul” (2015), foi um de seus discípulos.

“Não faço filmes para estrelas da cultura pop terem holofotes. Minha estrela é o Tempo e seu efeito sensível sobre nossas vidas. Também não tenho a vaidade de aderir ao digital. A tecnologia digital humilha a imagem, porque não tem a qualidade da impressão da fotografia em película. A imagem deve ser preservada em sua força plena”, disse Tarr.

Estima-se que a Berlinale 2026, agendada de 12 a 22 de fevereiro, preste um tributo a ele.